

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE ARTES CIÊNCIAS E HUMANIDADES



VOLUNTARIADO EM CURSINHOS POPULARES

**Motivações e expectativas para o trabalho na perspectiva dos professores
voluntários**

Projeto apresentado à Disciplina de Resolução de Problemas I

**Autores: Amanda Moura, Amanda Pepino, Ana Lucia Fusco, Bruna Barbosa,
Junior Vargas, Karina Trindade, Laís Linko, Larissa Schmidt, Leandro Brasil, Lucas
Lopes**

Tutoras: Alessandra Giacomini, Tânia Viel

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
1. INTRODUÇÃO.....	3
2. OBJETIVO.....	6
3. MÉTODOS.....	6
4. DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	7
4.1 INFORMAÇÕES SOCIODEMOGRÁFICAS.....	7
4.2 EXPERIÊNCIA PRÉVIA EM DOCÊNCIA.....	9
4.3 A ATUAÇÃO NO CURSINHO MAFALDA.....	10
4.4 EXPECTATIVAS E MOTIVAÇÕES DO VOLUNTÁRIO.....	14
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
BIBLIOGRAFIA.....	21

RESUMO

O acesso de pessoas socioeconomicamente desfavorecidas, que moram em zonas periféricas às universidades é reduzido, por isso surgiram os cursinhos populares que desempenham um papel importante no ingresso de estudantes de baixa renda em universidades públicas. Os cursinhos utilizam do serviço voluntário de professores, que são o objeto de nossa pesquisa, que foi feita por meio de um questionário com vinte perguntas criado na plataforma Google docs. Pretendeu-se descobrir o perfil dos voluntários e averiguar a motivação que os leva ao trabalho voluntário. Conhecer as motivações dos voluntários é importante para o cursinho, para que ele possa atender às necessidades e expectativas dos professores. Entendendo, também, as influências negativas e positivas que o trabalho voluntário pode causar na vida dos indivíduos. Esse estudo é relevante, pois pode ajudar a desenvolver formas de apoiar os professores para que eles mantenham suas atividades cotidianas e o cursinho de forma que ambas tenham significado em sua qualidade de vida.

1. INTRODUÇÃO

A educação brasileira é um tema muito discutido no mundo acadêmico. A partir dos anos 1990, com o aumento de alunos concluintes do Ensino Médio, a demanda pelo Ensino Superior cresce (Moehlecke e Catani, 2006). Esse ensino é seletivo e baseado em um ideário de meritocracia (Mendes, 2012; D'avila et. al., 2011). Os alunos socioeconomicamente desfavorecidos, em sua maioria, moram em regiões periféricas, estudam em escolas públicas (Saffiotti, 2008) e apresentam maiores barreiras para conseguir seu diploma universitário, tendo em vista as dificuldades enfrentadas para conquistar a aprovação no vestibular. Importante destacar que mesmo com sua entrada na universidade, são necessários subsídios como: transporte adequado, moradia estudantil, alimentação subsidiada, assistência médica e bolsas de trabalho e pesquisa (D'avila, 2011).

Aqueles que não são aprovados em Universidades Públicas, tentam formação nas instituições privadas. No entanto, Mancebo (2004) questiona se tal formação é mais limitada, visto que muitas instituições privadas não possuem compromisso com as pesquisas científicas e oferecem um número menor de professor e tutores. Infelizmente é possível analisar que o cenário é bem excludente: as universidades públicas apresentam, em sua maioria, alunos provenientes do ensino médio de escolas privadas e os alunos de escolas públicas acabam buscando a formação em faculdades privadas (Saffiotti, 2008). A Fundação Universitária para

o Vestibular (FUVEST), um dos mais conceituados vestibulares do Brasil, no ano de 2016 registrou que 60,7% dos candidatos inscritos eram de escolas particulares e apenas 30,8% de escolas públicas (FUVEST, 2016).

Em busca de uma maior democratização do ensino e acesso à formação superior, surgiram os cursinhos sociais ou comunitários (Zago, 2009), sendo o primeiro fundado em 1962, ligado à Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (Saffiotti, 2008). Essas organizações são voltadas para classes mais baixas com intuito de promover a inclusão social, oferecendo a preparação para o vestibular e/ou o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) apresentando baixo ou isenção de custo. Saffiotti (2008) ainda destaca que os cursinhos populares foram além das apostilas de Ensino Médio, pois promoveram encontros culturais para os jovens com a realização de debates, exibição de filmes, teatro e saraus.

É importante destacar que para funcionamento do cursinho é fundamental o trabalho dos professores: os voluntários que dedicam o tempo e compartilham sabedoria com os alunos (Zago, 2009; Ferreira et. al., 2008). De acordo com Wilson e Pimm (1996) a prática do voluntariado não é recente e está pelo mundo afora. Observamos que o trabalho voluntário, ou seja, aquele que oferece o serviço sem expectativas quanto à remuneração (Shin e Kleiner, 2003), vem como uma maneira de promover a regulação daquilo que deveria ser dever do Estado. Portanto, várias formas viabilizam e amenizam os mais diversos tipos de problemas que temos dentro da sociedade, através de indivíduos preocupados em ajudar de alguma forma. O voluntariado passa a apresentar o exercício da cidadania, a responsabilidade da sociedade civil brasileira para o bem comum, as opções por ações imediatas e pragmáticas no que se referem ao enfrentamento dos chamados problemas sociais (Bonfim, 2010). Portanto, o voluntariado pode ser feito tanto com foco na cidadania e pensamento coletivo, como também pode apresentar foco de benefício social (Azevedo, 2007). No entanto, Fagundes (2006) destaca que solidariedade é um importante valor moral, mas que não podemos nos esquecer da responsabilidade das políticas públicas, que devem dar conta das desigualdades.

A definição de voluntariado pela Organização das Nações Unidas é: “O voluntário é o jovem ou o adulto que, devido a seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem estar social, ou outros campos” (ONU, 2016). De acordo com a Constituição Brasileira, temos a Lei 9.608/98 que diz: “Trabalho voluntário é a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não

lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade” (Brasil, 1998).

Historicamente, para melhor entendermos a cultura do voluntariado, é preciso regressar para a década de 1970, para que possamos esclarecer onde se começou a utilizar o termo e a necessidade de associar nas mais diversas áreas dos contextos econômicos, políticos e sociais, essenciais para compreendermos os processos que se desencadearam a partir disso, visto que nessa década tivemos momentos de significativas transformações e o Estado, que deveria garantir os padrões mínimos dos serviços essenciais à população, não deu vazão.

O comprometimento com quaisquer tipos de trabalho voluntário realizado nos leva a indagações: é fonte de prazer? É desligamento de problemas oriundos de outros espaços? Assistencialismo? Comprometimento? Nesse sentido, muitos autores destacam que as motivações do voluntário podem ser diversificadas. Kotler (1975) defende que a realização do voluntariado se deve pela necessidade de valorização, de se sentir importante. Azevedo (2007) em seu estudo afirma que solidariedade não é apenas o que move este tipo de trabalho, pois o altruísmo é uma das motivações muito presentes. Fagundes (2006) diz que essa ação voluntária pode ser valorizada no mercado de trabalho, como algo a que se acrescentar no currículo, o *marketing* pessoal.

Silva e Feitosa (2002) classificam a motivação dos voluntários em: Assistencial, Humanitária, Política, Profissional e Pessoal. A primeira classificação diz respeito ao desejo de ajudar ao próximo, dar assistência. A classificação “Humanitária” remete ao desejo de doar tempo ou habilidade para o bem estar geral. A Política é a vontade de construir um mundo melhor, cidadania em mente. Mas caso a motivação seja adquirir experiência ou aplicar conhecimento, logo a motivação é Profissional. A motivação classificada como Pessoal é aquela em que reflete o bem estar “próprio”. Para Ferreira (2008) a classificação é: o Altruísmo, a Pertença, o Ego e Reconhecimento Social e a Aprendizagem e Desenvolvimento.

Conhecer as motivações e desmotivações para praticar uma ação voluntária e melhor entender as condições relacionadas, possibilita a compreensão daquilo que pode influenciar o indivíduo negativamente ou positivamente. Esse entendimento se faz necessário porque pode subsidiar o desenvolvimento de formas de respaldo voltadas a esses voluntários, contribuindo para que continuem desenvolvendo suas atividades de forma que essa atuação possa ter significado em sua qualidade de vida.

O termo “Qualidade de vida” não possui definição exata, visto a ramificação abrangente e diversificada que aborda temas como: saúde, educação, convívio social, satisfação pessoal, aquisição de bens, dentre tantos outros. No entanto, possui característica notável de subjetividade por explorar aquilo que está ligado aos nossos sentidos e emoções (satisfação, inteligência, aptidões, habilidades, etc.). A qualidade de vida dos voluntários de um cursinho popular foi abordada de acordo com os aspectos: felicidade, satisfação pessoal (Renwick & Brown, 1996), estilo de vida (Nahas, 2003), realização de objetivos (Day e Jankey, 2003), condições de vida (Buss, 2000), bem estar, condições de trabalho e resultado de seu voluntariado.

Destacamos a importância do aumento da qualidade de vida dos voluntários e da satisfação dos mesmos, para que eles permaneçam e novas pessoas se interessem pela atividade na instituição, já que o professor voluntário é peça fundamental para o funcionamento de Cursinhos Populares. Tendo conhecimento desses dados é possível também buscar, com mais precisão, um público para voluntariado.

2. OBJETIVO

O objetivo da pesquisa é averiguar a motivação do trabalho voluntário dos professores que disponibilizam seu tempo para ministrar aulas em cursinhos populares pré-vestibular. Também, traçar um perfil social da pessoa.

3. MÉTODOS

O estudo é quali-quantitativo e direcionado no nível ontológico (Merleau-Ponty, 2003) da percepção dos voluntários entrevistados, dando ênfase na significação do sujeito. A entrevista feita via questionário pela plataforma GoogleDocs, foi enviada para 40 professores do cursinho social Mafalda, localizados na Zona Leste da cidade de São Paulo. Tal questionário é estruturado com vinte questões: quatorze fechadas – sendo uma mensurada na escala Likert de cinco pontos- e seis abertas.

A importância de compreender o discurso subjetivo é considerar a perspectiva da pessoa diante dos temas qualidade de vida (Pereira et al., 2012) e motivação (Silva e Feitosa, 2002), aplicando os conceitos de acordo com os autores.

Os assuntos abordados foram: dados pessoais, nível de escolaridade, renda, área de conhecimento que leciona avaliação de satisfação, motivação, desmotivação, categorização da motivação e expectativas.

4. DISCUSSÃO E RESULTADO:

Tratamos aqui de apresentar e discutir as respostas de 40 professores do Cursinho Popular Mafalda. Esse cursinho popular funciona gratuitamente e oferece curso de preparação para vestibulares e para o Exame Nacional do Ensino Médio, além de outras opções que agregam a formação profissional do jovem ingresso, como aulas de idiomas.

4.1 INFORMAÇÕES SOCIODEMOGRÁFICAS:

A pesquisa realizada identificou que a maioria dos docentes voluntários participantes (52,5%) tem entre 24 e 28 anos, como mostra a Tabela 1, e segundo os dados coletados, 50% deles são do gênero feminino.

A partir da Tabela 2, conclui-se que 37,5% dos entrevistados ainda estão cursando uma universidade. Na Tabela 3, observamos que, destas universidades que estão sendo ou foram cursadas, 75% delas são públicas. Isso tem relação com as expectativas “Melhoria da Sociedade e Educação” e “Acesso à Universidade” presentes no Gráfico 7, ou seja, por estudarem em uma instituição pública, os voluntários podem sentir que precisam devolver para a sociedade aquilo que recebem de uma universidade pública, e também podem querer incentivar e ajudar seus alunos a ingressar em uma.

Segundo as respostas recebidas, 70% dos professores têm trabalho remunerado, e 82,5% têm renda fixa, sendo que 27,3% recebem entre 1 e 2 salários mínimos, 27,3% recebem entre 3 e 4 e 27,3% recebem mais de 4, conforme mostra a Tabela 4.

Observamos que o perfil da maioria dos voluntários analisados é: jovem, independente do gênero, concluintes do Ensino Médio e em processo de formação de Curso Superior que possuem renda fixa. Esse resultado é similar a outros estudos realizados com os professores de cursinhos populares, como é o caso do perfil dos voluntários, abordado por Candau (2005) e Zago (2009). Candau pesquisa em Cursinho Popular do Rio de Janeiro e sua pesquisa

apresenta que a maioria dos entrevistados tem entre 23 e 28 anos, cursam graduação ou pós graduação e possuem vínculo empregatício fora dessa atividade voluntária.

Idade	N (%)
18 a 23 anos	13 (32,5)
24 a 28 anos	21 (52,5)
30 a 35 anos	6 (15)
Mais de 35 anos	-- (0)
Total	40 (100)

Tabela 1 – Idade dos entrevistados

Nível de Escolaridade	N (%)
Ensino Médio completo	-- (0)
Superior Incompleto	2 (5)
Superior em andamento	15 (37,5)
Superior Completo	13 (32,5)
Pós-Graduação em andamento	4 (10)
Pós-Graduação Completa	6 (15)
Total	40 (100)

Tabela 2 – Nível de escolaridade de entrevistados.

Instituição de Formação	N (%)
Particular	30 (75)
Pública	9 (22,5)
Sem Fins Lucrativos	1 (2,5)
Total	40 (100)

Tabela 3 - Instituição de formação dos entrevistados.

Tabela 4 – Renda fixa dos entrevistados em salários mínimos.

Renda Fixa (em salários mínimos)	N (%)
Até 1	6 (18,2)
1 a 2	9 (27,3)
3 a 4	9 (27,3)
Acima de 4	9 (27,3)
Total	33 100)

4.2 EXPERIÊNCIA PRÉVIA EM DOCÊNCIA

A experiência docente não pode ser limitada ao momento em que o futuro professor inicia um curso de formação inicial. Valores, conceitos e pré-conceitos formados durante as vivências com a família, constituem no professor importante arcabouço de métodos, formas de se relacionar com os alunos, as formas de tratamento, as expressões respeitadas ou desrespeitadas, as formas de coerção e punição utilizadas em sala de aula, são provavelmente em grande parte formados antes das experiências na universidade. (Almeida, 2010)

Os professores alvos de nossa pesquisa, em sua maioria, baseiam-se nessa vivência pré-universitária para ministrar as aulas do cursinho, visto que não possuem vasta experiência de docência. Observa-se na Tabela 5, que 19 (47,5%) dos 40 entrevistados não tem experiência como professor antes do contato com o cursinho Mafalda.

Na Tabela 6, a maioria dos entrevistados que afirmaram ter experiência prévia em docência, ministravam aulas particulares antes do início do voluntariado no Cursinho Mafalda (20%).

	Possuem	Não Possuem	Total
Experiência lecionando em outras instituições	21 (52,5%)	19 (47,5%)	40 (100%)

Tabela 5 – Entrevistados que possuem experiência prévia em ministrar aulas

Outras Instituições que lecionaram ou lecionam	Número
Escola Regular	6 (15%)

Outro Cursinho Popular	3 (7,5%)
Cursinho Particular	3 (7,5%)
Aulas Particulares	8 (20%)
Escola de Língua	1 (2,5%)
Total	21 (52,2%)

Tabela 6 – Instituições em que entrevistados ministraram aulas.

Juntamente com os saberes acima citados, encontramos também os saberes provenientes da experiência como discentes aprendidos através da observação dos seus antigos professores, e da vivência que os atuais professores obtiveram em seu passado enquanto aluno. Os conceitos historicamente construídos sobre a docência, o que as mídias dizem das escolas e dos professores, a crise na autoridade e autonomia docente, as notícias sobre a violência na sala de aula contra os professores, também são fontes que contribuem para a construção de saberes aos professores (Almeida, 2010).

4.3 A ATUAÇÃO NO CURSINHO MAFALDA

O cursinho Mafalda é uma iniciativa que surgiu mediante a uma necessidade social. Funciona por meio de trabalho voluntário, com profissionais que cursam diversos níveis de graduação. O cursinho funciona na zona leste de São Paulo desde 2011. Tem como objetivos principais: o preparo dos alunos de baixa renda, cursando o terceiro ano do ensino médio ou já formado, para o vestibular e promover discussões para uma maior conscientização social desses estudantes (Cursinho Mafalda, 2016).

Com base nas informações agregadas durante a visita ao Cursinho Mafalda, o professor voluntário possui duas aulas a cada 15 dias, visando uma atividade saudável sem sobrecarga. Essa preocupação com o professor contribui para a melhora em sua qualidade de vida, visto a questão de condição de trabalho e bem estar.

De acordo com o Gráfico 1, aproximadamente metade (52,5%) dos voluntários conheceu a instituição Mafalda através de amigos, quarenta por cento (40%) deles pela internet e dez por cento (10%) ao frequentá-la.

Como conheceu a instituição Mafalda

(40 respostas)

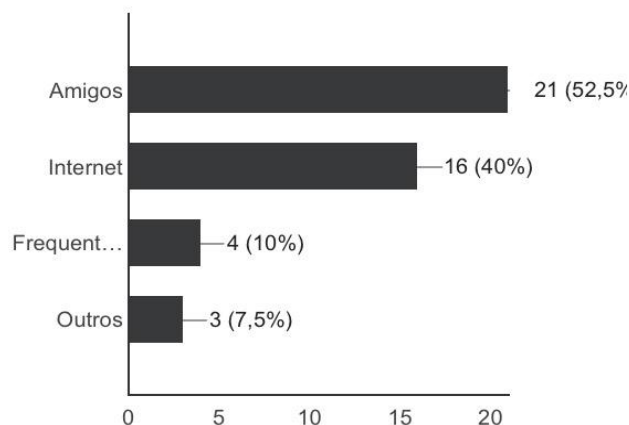


Gráfico 1 – Como conheceu a instituição Mafalda

Considerando as três áreas de conhecimento acadêmico que existem (ciências exatas, ciências humanas e ciências biológicas), noventa e cinco por cento (95%) dos voluntários lecionam em disciplinas que correspondem à área do seu curso de graduação. Mas destacamos os seguintes casos: um voluntário cursa bacharel em Direito e leciona Matemática e uma voluntária é graduada em Biologia e leciona Línguas Estrangeiras.

Quanto as áreas da pesquisa os resultados foram bem distribuídos entres as áreas como mostra no gráfico 2:

Quais áreas de conhecimento leciona

(40 respostas)

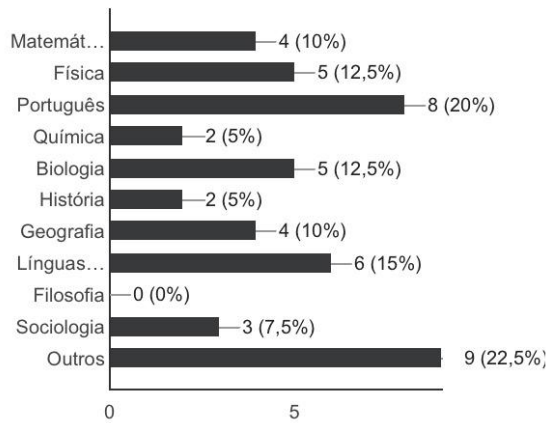


Gráfico 2– Quais áreas de conhecimento leciona

De acordo com o resultado apresentado no Gráfico 3, 80% dos entrevistados dão aula no curso pré-vestibular, direcionado a jovens que estão terminando o ensino médio para prestar os vestibulares pela primeira vez. Uma pessoa (2,5%) leciona no curso preparatório para o ENEM, que é um curso direcionado a pessoas que vão prestar o exame depois de um longo período após término dos estudos. Somente 5% dão aulas em outros cursos.

Em qual curso da instituição Mafalda leciona

(40 respostas)

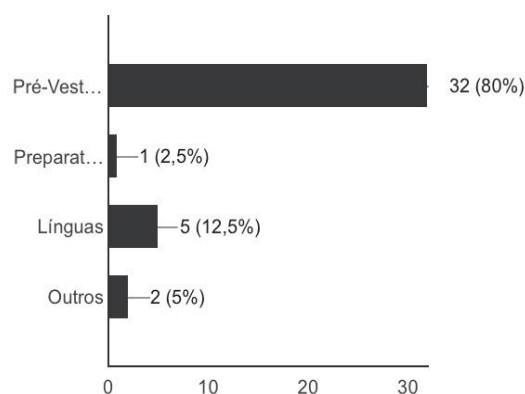


Gráfico 3 – Em qual curso da instituição Mafalda leciona

Os dados provenientes da pesquisa apontam que um quarto dos voluntários (25%) leciona no Cursinho Mafalda há pelo menos dois anos, sete e meio por cento (7,5%) há mais de quatro anos e boa parte deles (42,5%) há seis meses conforme se observa no gráfico a seguir:

Há quanto tempo leciona na instituição Mafalda

(40 respostas)

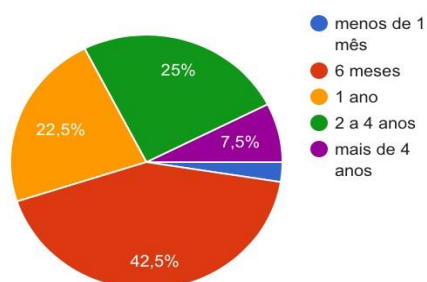


Gráfico 4 – Há quanto tempo leciona na instituição Mafalda

4.4 EXPECTATIVAS E MOTIVAÇÕES DO VOLUNTÁRIO

É preciso analisar o conceito de motivação, com base nas respostas constantes no gráfico e perceber que existem motivações distintas para realização desse trabalho. Diversas literaturas apontam que na década de 90, houve um aumento de cidadãos, motivados pela solidariedade e participação social, que se sentiam incentivados a realizar algum tipo de trabalho voluntário. Também cresceu os trabalhos realizados através do terceiro setor, formado por associações e entidades sem fins lucrativos, cujo comprometimento era sanar algumas questões que o Estado não atingia o desejo de dar uma assistência àqueles que necessitavam.

Bandura (2008) aponta através da Teoria Social Cognitiva que as pessoas possuem objetivos e desígnio para alcançar algum desejo e/ou intenção e assim atingir seu objetivo:

As pessoas formam intenções que incluem planos e estratégias de ação para realizá-las. A segunda característica envolve a extensão temporal da agência por meio da antecipação. Isso envolve mais do que fazer planos direcionados para o futuro. As pessoas criam objetivos para si mesmas e preveem os resultados prováveis de atos prospectivos para guiar e motivar seus esforços antecipadamente. O futuro não pode ser a causa do comportamento atual, pois não tem existência material. Porém, por serem representados cognitivamente no presente, os futuros imaginados servem como guias e motivadores atuais do comportamento.

Também sobre a ótica da realização do trabalho voluntário, ele vai muito mais além de que uma simples contribuição individual. A motivação remete o indivíduo a alcançar suas necessidades de realização pessoal. O ser humano sempre está em busca de lograr seus objetivos, sejam eles quais forem e quando isso não acontece, seu comportamento é afetado de maneira negativa. Existem várias teorias para a motivação e uma das mais utilizadas é a de Abraham Maslow (1954). De acordo com essa teoria, o ser humano possui necessidades distintas que podem ser separadas em escalas. Os indivíduos precisam satisfazer pelo menos parcialmente as que estão nos níveis baixos para avançar para as de cima e com isso, conseguirá definir suas prioridades. Com base na pirâmide de Maslow, ele divide em cinco níveis de necessidades do ser humano: em sua base, estão as primárias, aquelas indispensáveis à vida. São elas as carências fisiológicas, ligadas à manutenção da saúde e bem-estar físicos. Na sequência, vêm as necessidades secundárias, relacionadas à segurança, relações sociais e estima. Por fim, ocupando o grau mais refinado que é o topo estão as necessidades de realização pessoal que abarca a criatividade, moralidade, solução de problemas, ausência de

preconceitos e autovalorização. A teoria de Maslow é considerada uma das principais formas de entender como funciona a motivação humana.

“Se nós compreendermos melhor os motivos de alguém (desejo de mais tempo livre, por exemplo), nós podemos potencialmente influenciar os seus comportamentos” (Bandura, 2008).

Douglas MacGregor (1973) é conhecido por ter desenvolvido a teoria X e Y em que faz definições do homem no seu mundo profissional.

Na teoria X, o homem é apresentado como um ser carente, que se limita a fazer o necessário para subsistir não se importando com a realização pessoal. Por isso, a motivação é quase irrelevante. O trabalho é intrinsecamente desagradável para a maioria das pessoas. Poucas pessoas são ambiciosas, tem desejo de responsabilidade, a maioria prefere ser orientada pelos outros.

Na teoria Y, a integração é a base desta teoria, pois é o que assegura e valida a autoridade. Sugere o autocontrole quando as necessidades são reconhecidas. McGregor ainda diz que, o homem que não tem desprazer inerente em trabalhar e para o qual o trabalho pode ser uma fonte de satisfação e recompensa quando é realizado voluntariamente. Revela que as pessoas têm motivação básica, potencial de desenvolvimento e capacidade para assumir responsabilidades, além de alto grau de imaginação e de criatividade na solução de problemas empresariais.

De acordo com o Gráfico 5, aproximadamente vinte e um por cento (21%) dos entrevistados se sentem motivados para o trabalho voluntário pela troca entre docente e discente. Podemos observar também que boa parte se sente motivada pela questão política (18,75%), seguido de satisfação pessoal (15,63%).

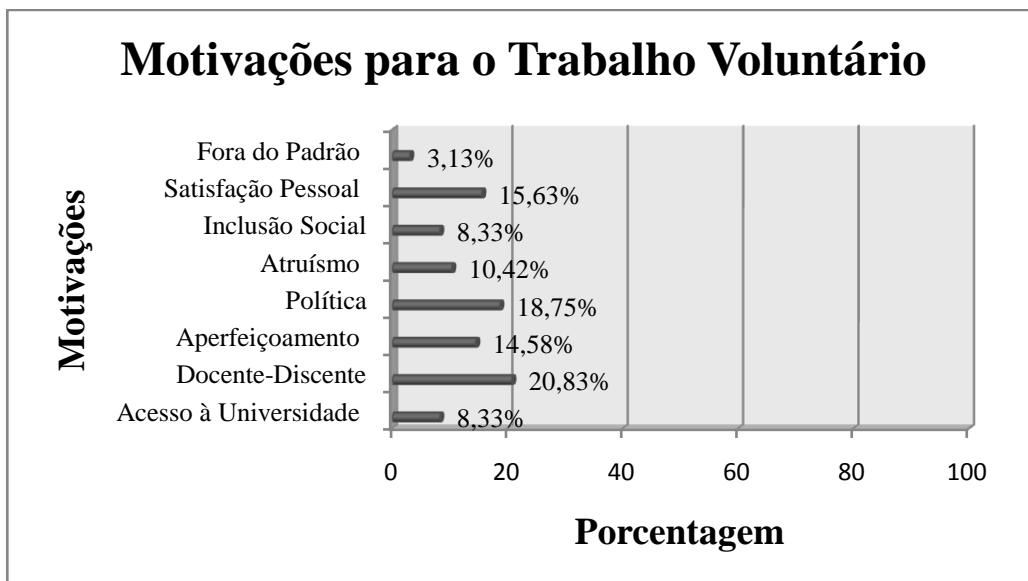


Gráfico 5 – Motivações para o Trabalho Voluntário

Ao tratar das expectativas dos professores do Cursinho Mafalda, tanto antes quanto depois de iniciarem seus trabalhos, resolvemos abordar esses dados de maneira qualitativa, para dar maior liberdade e expressividade aos que estavam respondendo o questionário.

Como resultado, obtivemos repostas muito diretas, que muito se assemelhavam e por tanto, decidimos elencar essas expectativas de uma maneira quantitativa, conforme pode se observar nos gráficos a seguir.

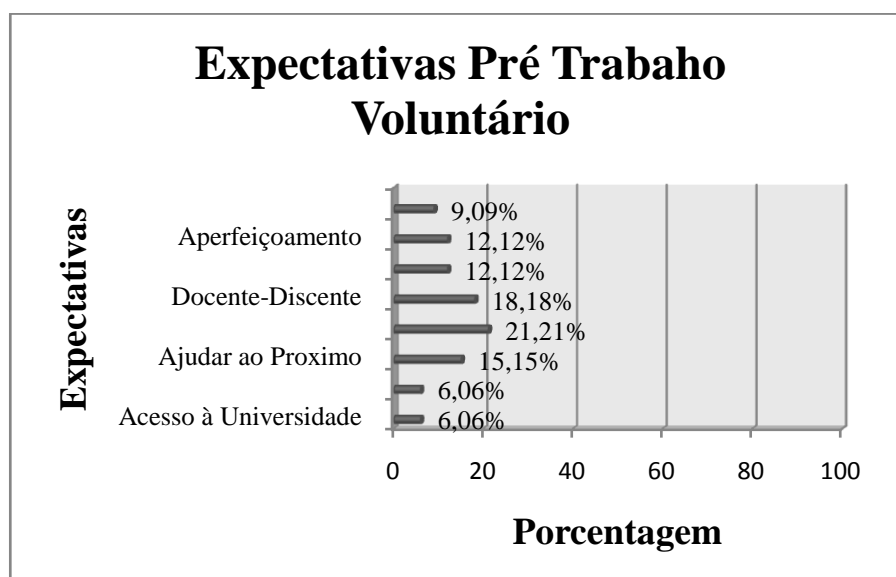


Gráfico 6– Expectativas Pré Trabalho Voluntário

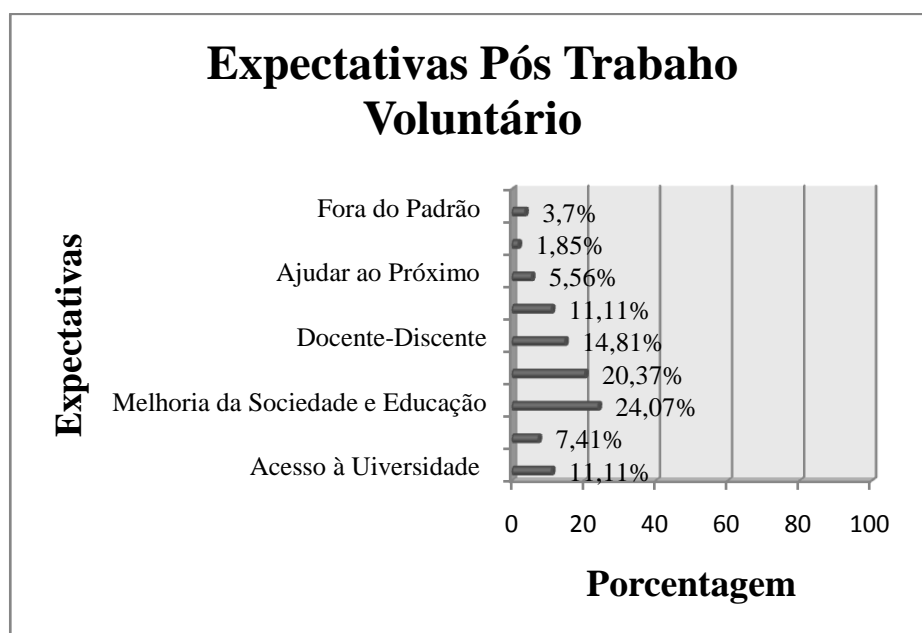


Gráfico 7 – Expectativas Pós Trabalho Voluntário

É pertinente ressaltar que estudos já feitos, indicam que a expectativa que o professor cria quanto a seus alunos é extremamente influente no desempenho que esses discentes terão, e tratando-se de um cursinho pré-vestibular, que prepara seus alunos para uma prova que mede suas competências, esse fator é de suma importância.

Rosenthal e Jacobson (1968), por exemplo, vanguardistas nos estudos sobre as influências que a expectativa do professor gera no aluno, fizeram um estudo em uma escola pública nos Estados Unidos, no qual alunos foram escolhidos aleatoriamente pelos pesquisadores e esses disseram aos docentes que tais alunos eram os que possuíam maior potencial na sala. Após um ano dessa pesquisa, notou-se um crescimento nas habilidades dos alunos escolhidos, que ficaram em média 50% acima às dos outros alunos.

Em nossos gráficos, podemos perceber que não só nas expectativas anteriores, como também nas posteriores, o item que mais aparece é a melhoria na sociedade, com uma porcentagem de 21,21% e 24,07% respectivamente. Tais números nos levam a considerar que a maioria dos docentes acredita que a sociedade se insere em um contexto de desigualdade e que seu trabalho pode ser ferramenta importante para essa correção.

Os gráficos também apresentam nuances interessantes, como se pode notar no item aperfeiçoamento, que aparece no gráfico 6 em quarta colocação com 12,12% e no gráfico 7

aparece em segunda colocação, com 20,37%, demonstrando que o cursinho voluntário possui uma oportunidade de especialização maior do que se imagina. Isso pode ser relacionado com os 19 (47,5%) entrevistados que não possuem experiência prévia em ministrar aulas.

Dentre todos os dados expostos chama bastante atenção que, sendo o cursinho popular uma forma de alunos carentes terem acesso ao ensino superior de qualidade, este não é o ponto mais importante para os docentes do Mafalda. O acesso à universidade não aparece como foco principal, ficou entre os índices menos importantes no gráfico 6, e nos índices intermediários no gráfico 7, sendo ultrapassado pela interação entre professor e aluno em ambos.

Baseando nesses fatos, supomos que o cursinho pré-vestibular além de atuar como um agente que prepara o aluno para o exame vestibular, também atua de forma mais ampla na formação do aluno. Possivelmente o impacto do trabalho voluntário sobre os alunos atua de forma marcante no processo de construção da cidadania. De um modo geral, podemos considerar que a atuação do cursinho popular transcende a relação aluno e professor a um patamar além dos critérios mensuráveis pelo vestibular. Evidentemente o cursinho além de cumprir a função esperada evidencia uma etapa importante na vida do professor voluntário, o que possivelmente influencia na vivência dos alunos.

Analisando o conteúdo referente às respostas, notamos um elevado índice de referências positivas em relação às expectativas. Possivelmente isso se deve ao fato do cursinho Mafalda ser bem estruturado e oferecer infraestrutura adequada à realização do trabalho voluntário. Supostamente, boas condições de trabalho refletem positivamente na consolidação de expectativas positivas. Se considerarmos o contexto de desigualdade social no Brasil, a carência de recursos destinados às comunidades mais pobres, como foi abordado anteriormente, seguramente podemos inferir que o cursinho Mafalda não represente de forma análoga às condições de outros cursinhos populares baseados no trabalho voluntário.

Devido ao baixo índice de insatisfação pessoal na realização do trabalho voluntário (97,5% dos entrevistados declararam o nível de satisfação pessoal entre bom e muito bom) evidenciado nas respostas do questionário, é necessária a realização de novos estudos para uma maior compreensão do fenômeno, possivelmente em cursinhos populares que não estão amplamente consolidados como o Cursinho Mafalda.

Avalie sua satisfação com o trabalho voluntário

(40 respostas)

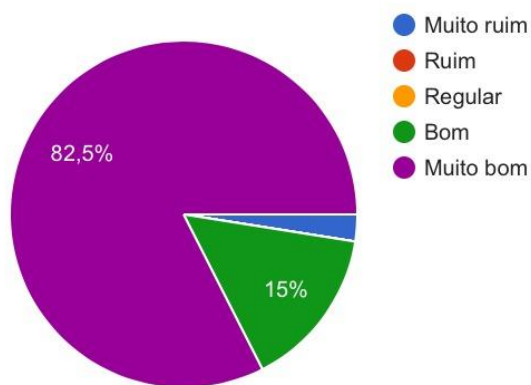


Gráfico 8 – Satisfação com o Trabalho Voluntário

Em relação ao elevado índice de expectativas positivas, é notável a predominância de motivações referente às causas políticas e sociais atreladas à auto - realização. É nítido que tanto as expectativas pré e pós atividades são pautadas pela temática político – social e pelo altruísmo. Notavelmente as relações de trabalho voluntário no cursinho popular Mafalda com a instituição, são referentes ao compromisso social do voluntário na realização do seu trabalho, possivelmente com o intuito de devolutiva. Isto significa que ao levar em conta que a maior parte dos voluntários oriundos do ensino superior público, procuram retribuir de alguma forma o benefício proporcionado pelo Estado.

5. CONSIDERAÇÃO FINAL:

Observamos que o perfil do voluntário do Cursinho Social pesquisado é: jovem entre 24 e 28 anos, com renda fixa, que cursa graduação em Universidade Pública e tem como motivação a relação de vínculo entre professor e aluno e/ou a questão política. O que esses profissionais esperam é o alcance de mudanças na sociedade para melhor. A preocupação com a desigualdade foi muito pautada.

Apesar de ser um trabalho sem remuneração financeira, pudemos observar que os voluntários estão satisfeitos com o que fazem e buscam cada vez mais aperfeiçoamento de seu trabalho: fica visível essa dedicação para contribuir com a formação de cidadãos que não possuem condições financeiras e encontram dificuldades para acessar a Universidade Pública. A satisfação com o voluntariado e as boas condições de trabalho no Cursinho Social Mafalda, remete a uma melhora da qualidade de vida desses voluntários.

Destacamos que o Cursinho Social estudado é um exemplo de cidadania, cumpre o papel proposto e também vai além: possibilita a formação de cidadãos críticos, que compreendem questões políticas, sociais e culturais. A organização e a preocupação tanto com os estudantes, como também com o voluntário, é essencial para que seja um cursinho de sucesso.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, F. 2010 “Experiência e prática docente: diálogos pertinentes”. Disponível em:<http://www.efdeportes.com/efd150/experiencia-e-pratica-docente-dialogos-pertinentes.htm>

AZEVEDO, D. “Voluntariado Corporativo – Motivações para o Trabalho Voluntário” – XXVII Encontro Nacional de Engenharia de Produção, Outubro/2007.

BANDURA, A. e colaboradores. “Teoria Social Cognitiva: Conceitos Básicos”, Editora Artmed, Porto Alegre, 2008.

BONFIM, P. A “Cultura do Voluntariado” no Brasil: determinações econômicas e ideopolíticas na atualidade. Cortez Editora, São Paulo, 2010.

BRASIL. Lei do Voluntariado. Lei nº 9.608, de 18 fev. 1998; Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9608.htm >.

BUSS, P. “Promoção da saúde e qualidade de vida”. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 5, n.1, p.163-77, 2000.

CANDAU, V. “Os desafios pedagógicos na formação docente dos CPVCs”. Cursos pré-vestibulares comunitários: espaços de mediações pedagógicas. Editora da PUC-Rio, p.46-55, 2005.

CURSINHO MAFALDA. 2016. O Mafalda. Dispon[ível em: [HTTP://www.cursomafalda.com.br/o-mafalda](http://www.cursomafalda.com.br/o-mafalda)

D’AVILA, G. T. e colaboradores. “Acesso ao ensino superior e o projeto de “ser alguém” para vestibulandos de um cursinho popular”. *Psicologia & Sociedade*, v.23, n.2, p.350-358, 2011.

DAY,H.;JANCKEY,S. “Lições da literatura : em direção a um modelo holístico de qualidade de vida ". *Qualidade de vida na promoção da saúde e reabilitação: abordagens conceptuais, as questões e aplicações*. Thousand Oaks: Sage, 1996.

FAGUNDES, H. S. “O Voluntariado, a solidariedade e as Políticas Sociais” *Revista Virtual Textos & Contextos*, nº 6, p. 1-19, 2006.

FERREIRA, M. e colaboradores “As motivações no trabalho voluntário”. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, p 43-53 Julho/Setembro/2008.

FUVEST. 2016 Questionário de Avaliação Sócio-Econômica – estatística para candidatos inscritos. Disponível em: <http://www.fuvest.br/estat/qase.html?anofuv=2016>

KOTLER, P. “Marketing para Organizações Sem Fins Lucrativos”. Prentice Hal NJ, 1975.

MANCEBO, D. “Universidade para todos”: a privatização em questão. *Pro-posições*, v. 16, n.2, p 75-90, 2004.

MASLOW, A. H. “Motivação e Personalidade”. Harper & Row, Nova Iorque, 1954.

McGREGOR, D. “Motivação e liderança” Editora Brasiliense, São Paulo, 1973.

MENDES, M. “E se não houvesse o vestibular? – Percepções de professores e alunos do cursinho popular Chico Mendes acerca da elitização”. IX ANPED SIL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, p 1-13, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. “O Visível e o Invisível”, Editora Gallimard, 4º edição, São Paulo, 2003.

MOEHLECKE, S.; CATANI, A. M. “Reforma e expansão do acesso ao Ensino Superior: balanço e proposições” Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, (Série Documental. Textos para discussão n. 23), p.49-71, 2006.

NAHAS, M. “Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo”. Midiograf, 3. ed. 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU) 2016 O trabalho voluntário e a ONU. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/vagas/voluntariado/>

PEREIRA, E. F. e colaboradores. “Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação”, Revista brasileira Educação Física e Esporte, v.26, n.2, p.241-50, abril/junho 2012

ROSENTHAL, R.; JACOBSON, L. “Pigmalião na sala de aula : Professor , expectativa e desenvolvimento intelectual do aluno” Holt, Rhinehat & Winston. Nova Iorque, 1968.

SAFFIOTTI, A. “Crise e transformação: Um estudo sobre a experiência de alunos de baixa renda num cursinho popular.” Dissertação (Mestrado) -350f, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2008.

SHIN, S. e KLEINER, B. H. “Como gerir voluntários não remunerados nas organizações”. Management Research News, vol. 26, n.º 2/3/4, p. 63-71, 2003.

SILVA, J. O. e FEITOSA, S. “Ação Social Voluntária: Motivação e Evasão”. Cadernos CEDOPE, ano 13, n.19, São Leopoldo: IHU, 2002.

RENEWICK, R.; BROWN, I. “O centro para a abordagem conceitual de promoção da saúde para a qualidade de pífaro”. Qualidade de vida na promoção da saúde e reabilitação: abordagens conceptuais, as questões e aplicações. Thousand Oaks: Sage, p.75-86, 1996.

WILSON, A. e PIMM, G. “A tirania do voluntário: o cuidado e a alimentação de trabalhador voluntário”. *MCB University Press*” v. 34, n.4, p.24-40, 1996.

ZAGO, N. “Pré Vestibular Popular e Trabalho Docente: Caracterização Social e Mobilização”, Revista *Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, v.4, n.8, p.253-274, 2009.